



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No Brasil, a semana traz dados de inflação, mercado de trabalho e crédito. Nos EUA, destaque para o indicador de inflação preferido do Fed.

- A agenda econômica é bastante movimentada no Brasil nesta semana. O Banco Central divulga na sexta-feira (28) os dados de crédito de julho, que devem mostrar manutenção do ritmo de expansão anual da carteira.** Segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban, o saldo total deve crescer 0,5% no mês, liderado pela carteira destinada às famílias (+0,9%), com avanços semelhantes nos recursos livres e direcionados (+1,0%). No caso das empresas, o impulso deve seguir vindo dos recursos direcionados. Com isso, a expansão em 12 meses deve permanecer em 9,7%, indicando continuidade de um crescimento relevante do crédito. As páginas [6 e 7](#) trazem mais detalhes da pesquisa.
- No cenário macroeconômico, destaque para a divulgação do IPCA-15 de agosto na quarta (26), que deve trazer deflação no mês.** A projeção do consenso de mercado é de deflação de 0,32% em agosto. Dentre os efeitos no mês, destaque para o bônus de Itaipu, que reduz os preços de energia elétrica residencial, mas tende a ser revertido no mês seguinte. No mais, será importante avaliar o nível de acomodação dos preços dos alimentos *in natura* e a evolução das métricas subjacentes, dada sua importância para a condução da política monetária. No acumulado em 12 meses, o indicador deve desacelerar de 4,52% para 4,33%.
- Os dados do mercado de trabalho também estarão no radar, com a Pnad Contínua na quinta-feira (27) e o Caged na sexta (28), que devem confirmar um quadro de relativa estabilidade do mercado de trabalho.** A taxa de desemprego deve encerrar o trimestre móvel de julho em 5,3% (ante 5,8% no trimestre encerrado em abr/26). Apesar da queda na série original, o movimento deve refletir, em boa medida, fatores sazonais, com a taxa permanecendo relativamente estável (-0,1 pp) após o ajuste. O Caged, por sua vez, deve registrar criação líquida de 115 mil vagas em julho. As atenções, contudo, estarão concentradas no comportamento dos rendimentos. O resultado será importante para avaliar se a queda de junho foi pontual ou se reforça os sinais de acomodação do segmento. Nesse contexto, a divulgação será relevante para avaliar eventuais pressões sobre os preços mais sensíveis ao custo da mão de obra, que seguem como um dos pontos de atenção para o processo de desinflação.
- No campo fiscal, o Tesouro Nacional divulga na sexta-feira (28) o resultado primário do Governo Central referente a julho, com expectativa de superávit de R\$ 10,6 bilhões.** Caso se confirme, o resultado representará melhora expressiva em relação ao déficit de R\$ 59,1 bi observado em jul/25, afetado pelo pagamento de precatórios. O desempenho ainda deve refletir a execução mais concentrada das despesas discricionárias no início deste exercício, em contraste com 2025, quando os repasseamentos orçamentários limitaram esses gastos nos primeiros meses do ano. Para os próximos meses, contudo, a tendência é de moderação da despesa primária, em linha com a necessidade de compatibilizar a execução orçamentária com o cumprimento da meta fiscal.
- No cenário internacional, o principal destaque da agenda será a divulgação do deflator de gastos pessoais (PCE) dos EUA, indicador de preços preferido do Fed, na quarta-feira (26).** O consenso de mercado projeta alta de 0,2% no mês de julho, após leve recuo de 0,1% na leitura de junho. Caso o resultado se confirme, o índice acumulado em 12 meses deve registrar ligeira desaceleração para 3,6% (ante 3,7%), enquanto o núcleo do PCE deve seguir estável em 3,3%, em nível praticamente inalterado desde março deste ano. No mesmo dia, também serão conhecidos os gastos pessoais de julho, número importante para calibrar a força do consumo das famílias norte-americanas.
- Ainda nos EUA, as atenções estarão voltadas para o Simpósio de Política Econômica, evento anual promovido pelo Fed de Kansas City em Jackson Hole, que começa nesta quinta (27).** As atenções estarão voltadas para Kevin Warsh, novo presidente do Fed, que deve discursar no evento na sexta (28) pela manhã. A expectativa do mercado é de que o Warsh evite fornecer uma sinalização direta sobre os próximos passos dos juros, em linha com a redução do uso de *forward guidance* observada desde o início de sua gestão, e concentre sua fala em temas mais estruturais sobre política monetária e o funcionamento do Fed.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
25 – 28/ago	FGV: Sondagens de Confiança	Ago/26	-	-
26/ago	IBGE: IPCA-15	Ago/26	-0,32% m/m 4,33% a/a	0,06% m/m 4,52% a/a
27/ago	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Jul/26	US\$ -7,0 bi	US\$ -2,3 bi
27/ago	PNAD: Taxa de Desemprego	Jul/26	5,3%	5,4%
28/ago	BCB: Estatísticas de Crédito	Jul/26	0,5% m/m* 9,7% a/a*	0,7% m/m 9,7% a/a
28/ago	FGV: IGP-M	Ago/26	-0,28% m/m 2,10% a/a	-1,16% m/m 2,77% a/a
28/ago	Caged: Geração de Vagas Formais de Trabalho	Jul/26	115,0 mil	145,2 mil
28/ago	Tesouro: Resultado Primário do Governo	Jul/26	R\$ 10,6 bi	R\$ -48,2 bi
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Jul/26	-	10,7% aa

Fonte: Bloomberg. *Pesquisa Especial de Crédito Febraban.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
25/ago	EUA	Alvarás para novas construções	Jul/26	5,0% m/m	-2,6% m/m
25/ago	EUA	Vendas de casas novas	Jul/26	-1,3% m/m	1,6% m/m
25/ago	EUA	Confiança do Consumidor (<i>Conference Board</i>)	Ago/26	90,2 pts	90,8 pts
26/ago	EUA	Rendas e Gastos Pessoais	Jul/26	0,2% m/m 0,1% m/m	0,2% m/m 0,3% m/m
26/ago	EUA	Deflator de Gastos Pessoais (Índice PCE)	Jul/26	0,1% m/m 3,6% a/a	-0,1% m/m 3,7% a/a
26/ago	EUA	Pedidos de bens duráveis	Jul/26 - prévia	0,5% m/m	0,5% m/m
26/ago	EUA	PIB	2º tri/26 – 2ª leitura	1,5% t/t-1 (anualizado)	2,1% t/t-1 (anualizado)
27-29/ago	EUA	Simpósio de Política Econômica de Jackson Hole	2026	-	-
27/ago	EUA	Estoques no atacado	Jul/26 - prévia	0,2% m/m	0,2% m/m
28/ago	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Ago/26 - final	-15,5 pts	-15,9 pts
28/ago	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Ago/26 - final	51,0 pts	55,4 pts

Fonte: Bloomberg.

ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

INDICADORES ECONÔMICOS

IBC-Br e Monitor do PIB apontam desaceleração da atividade no 2T26

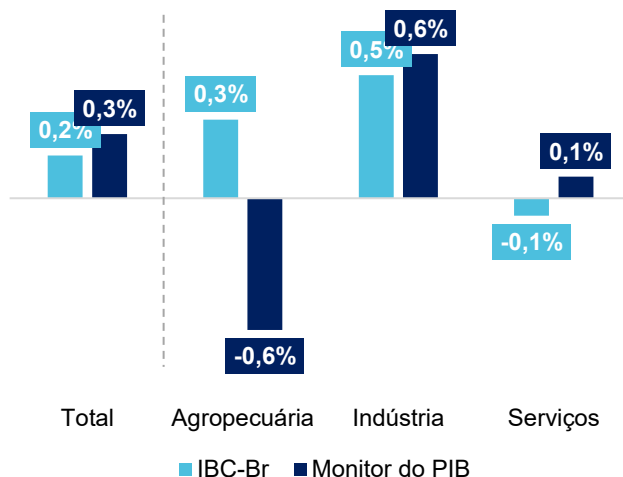
Prévias do PIB indicaram um crescimento modesto no 2T26, com perda de ritmo após início de ano mais forte. Na última semana, foram divulgadas as duas principais *proxies* mensais do PIB: o IBC-Br, do Banco Central, e o Monitor do PIB, da FGV. Ambos apontaram crescimento no 2T26, mas em ritmo inferior ao observado no 1T26, em linha com a desaceleração sinalizada pelos demais dados de atividade divulgados. A leitura negativa de junho também reforçou a perda de tração na margem. Pelo lado da demanda, contudo, o Monitor do PIB mostrou crescimento relevante do consumo das famílias, sinalizando alguma resiliência da demanda doméstica.

O IBC-Br indicou crescimento de 0,2% no 2T26 ante o trimestre anterior, com um movimento de acomodação disseminado entre os setores. A agropecuária desacelerou de alta de 1,8% para 0,3%, a indústria passou de 1,5% para 0,5% e os serviços deixaram a alta de 1,1% para um ligeiro recuo de 0,1%. Como serviços têm maior peso na economia, essa queda limitou o avanço do indicador no trimestre. No comparativo interanual o IBC-Br subiu 1,5%, bem próximo do observado no 1T26 (+1,6%), enquanto no acumulado em 12 meses, o índice acumula crescimento de 1,5%, ante 1,4% em mai/26.

Já o Monitor do PIB apontou alta de 0,3% no 2T26, se acomodando após alta de 1,2% no 1T26. Assim como o IBC-Br, o indicador da FGV mostrou desaceleração no comparativo trimestral tanto na indústria (+0,5%; ante +1,6%), como em serviços (+0,2%; ante +0,4%), mas com a agropecuária passando para estabilidade, após -1,6% no 1T26. No acumulado em 12 meses, o crescimento ficou em 1,8%. Já na comparação interanual, houve crescimento de 1,9% em junho da *proxy* do PIB, puxado pelo avanço da indústria (+3,1%). Na ótica da demanda, vale destacar o consumo das famílias, que atingiu alta de 2,6% após 1,7% ao final do 1T26 e resultados mais fracos ao longo da segunda metade de 2025. Esse desempenho sugere resiliência da demanda doméstica, diante da estabilização do desemprego em patamar historicamente baixo contribuindo para sustentar a renda e ajuda a explicar a melhora do consumo.

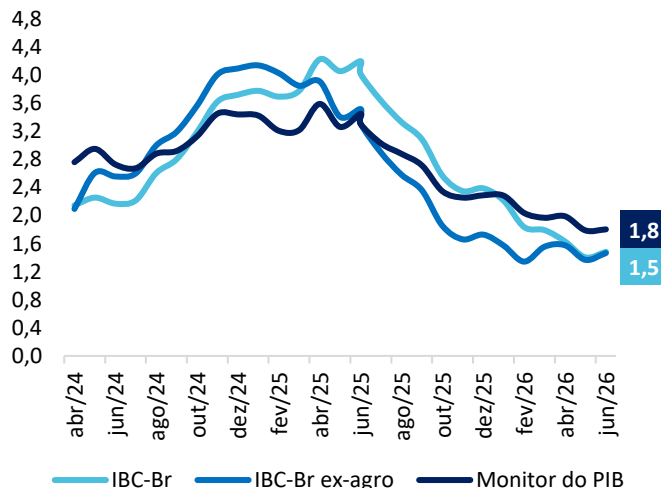
Com a desaceleração na margem, o *carry-over* para a atividade no 3T26 ficou negativo. No caso do IBC-Br, o carregó é negativo em 0,42% para o 3T26 e positivo em 1,3% para o ano. Para o Monitor do PIB, o *carry-over* ficou em -0,45% e +1,5%, respectivamente.

Quadro 1: Indicadores Antecedentes do PIB
Var (%) Trimestral (dessazonalizado)



Fonte: BCB e FGV

Quadro 2: Indicadores Antecedentes do PIB
Var (%) Acum. 12 meses

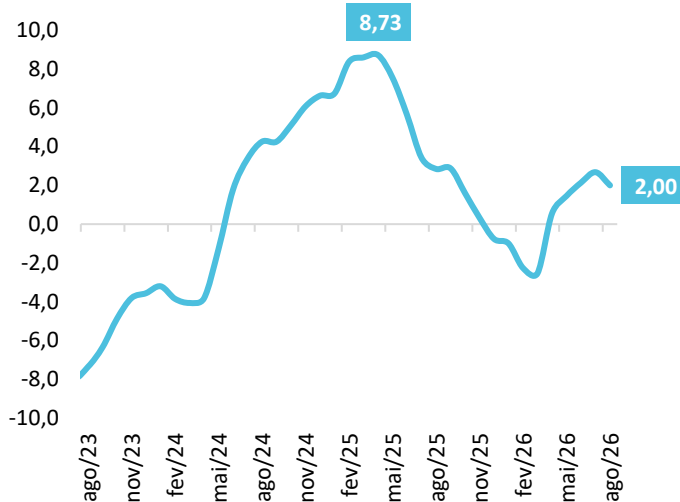


Fonte: BCB e FGV

Portanto, os próximos dados serão importantes para avaliar se a acomodação recente da atividade foi pontual ou se aponta para uma desaceleração mais persistente. Por ora, as expectativas de crescimento do PIB seguem próximas de 2,0% em 2026, mas com uma composição mais sustentada pelo consumo das famílias.

Com relação aos preços, o IGP-10, calculado pela FGV, seguiu em deflação em agosto, com queda de 0,51%, abaixo da expectativa de alta de 0,18%. O resultado corresponde a um recuo menos intenso que o observado em julho (-1,13%) e foi influenciado, sobretudo, pela queda dos preços de energia. No atacado, o IPA recuou 0,69%, com destaque para derivados de petróleo e biocombustíveis (-10,0%) e produtos químicos (-1,48%). No caso dos preços ao consumidor (IPC), o recuo foi mais contido (-0,47%), refletindo principalmente a aplicação do Bônus de Itaipu, que contribuiu para a queda da energia elétrica residencial. No acumulado em 12 meses, o IGP-10 registra alta de 2,00% (ante 2,68%).

**Quadro 3: IGP-10
Var.% 12 meses**



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Tensões persistem no Oriente Médio, com nova escalada no preço do petróleo

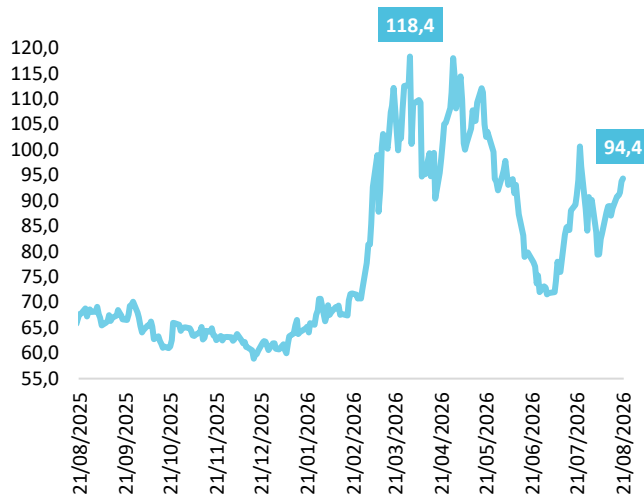
As tensões geopolíticas no Oriente Médio seguiram em alta durante a semana. Donald Trump voltou a anunciar uma “guerra econômica” contra o Irã, ameaçando países que ajudarem o governo iraniano. O secretário do Tesouro dos EUA informou que as medidas econômicas serão detalhadas nesta semana (24/ago). Diante disso, o Irã prometeu uma resposta “devastadora” voltando a trazer preocupações com a oferta global de petróleo, elevando o preço do barril (*Brent*) para cerca de US\$ 95, com alta de quase 6% na semana.

Dentre as divulgações, destaque para a ata da última reunião do Fed (28-29 de julho), quando o Comitê decidiu, por 9 votos a 3, manter os juros inalterados entre 3,50% e 3,75% aa, com os dissidentes optando por alta de 0,25 pp nos juros básicos. No documento, o Fed reforçou a preocupação com a inflação, destacando que alguns participantes apoiaram a alta dos *Fed Funds* na reunião e mais aumentos caso a inflação siga sem desacelerar. De todo modo, a maioria do Comitê ainda preferiu aguardar mais evidências e mais dados para retomar um ciclo de aperto monetário. Além disso, o documento também trouxe a proposta de Kevin Warsh, presidente do Fed, de reduzir o número de reuniões anuais do Comitê, de oito para seis. Segundo Warsh, encontros bimestrais poderiam dar mais tempo aos formuladores de política monetária para avaliar questões estratégicas. Com relação aos dados, ainda nos EUA, a produção industrial avançou 0,2% em julho, ligeiramente abaixo do consenso de mercado (+0,3%), sustentada pela alta de 0,5% do setor de *utilities*.

Na China, os dados de julho da atividade seguiram indicando perda de ímpeto da economia no país. A produção industrial desacelerou para alta de 4,5% no comparativo com jul/25, ante 5,3% no mês anterior e abaixo das expectativas (+5,0%), mas seguindo como o setor mais dinâmico. Já as vendas no varejo desaceleraram para alta de 0,6%, após 1,0% em junho, também abaixo do esperado (+1,5%).

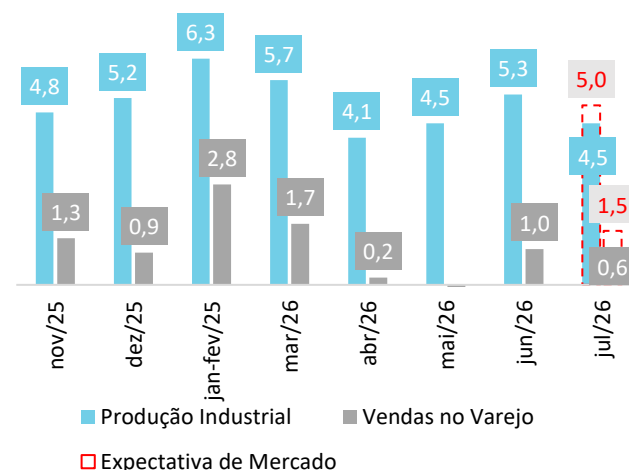
Por fim, na Zona do Euro, a leitura final da inflação ao consumidor (CPI) subiu 0,2% em julho, em linha com a prévia. A alta foi influenciada, principalmente, pelo avanço dos preços de energia (+2,7%), ainda pressionados pelos efeitos da guerra. No acumulado em 12 meses, o indicador acelerou ligeiramente, de 2,8% para 2,9%, se distanciando da meta de 2,0% aa. O núcleo do CPI, também mostrou aceleração, passando de 2,4% em junho para 2,5% em julho, sugerindo que as pressões inflacionárias no bloco seguem presentes, mesmo sem considerar os itens voláteis como energia e alimentação.

Quadro 4: Preço do barril de petróleo (tipo *Brent*) Em US\$



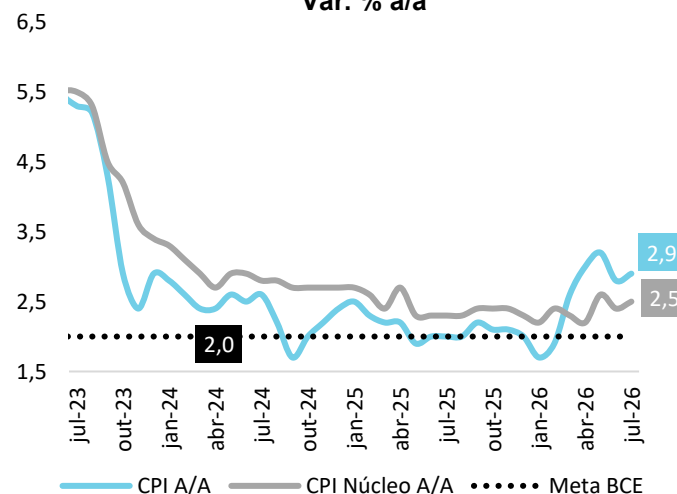
Fonte: Bloomberg.

Quadro 5: China – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % ante mesmo mês do ano anterior



Fonte: Bloomberg.

Quadro 6: Zona do Euro – Inflação ao Consumidor (CPI) Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito total deve crescer 0,5% em julho, puxado pela carteira destinada às famílias

O saldo da carteira de crédito total deve crescer 0,5% em julho, com a expansão anual permanecendo estável em 9,7%. No mês, a carteira deve ser puxada pelas operações destinadas às famílias, com avanços semelhantes nos recursos livres e direcionados. No caso do crédito destinado às empresas, o ímpeto deve seguir vindo das operações com recursos direcionados.

A carteira destinada às famílias deve avançar 0,9% no mês, com leve aceleração em 12 meses (+11,0%; ante +10,8%). No mês, o avanço deve ser liderado pelas linhas com recursos livres (+1,0%), em um contexto de mercado de trabalho aquecido.

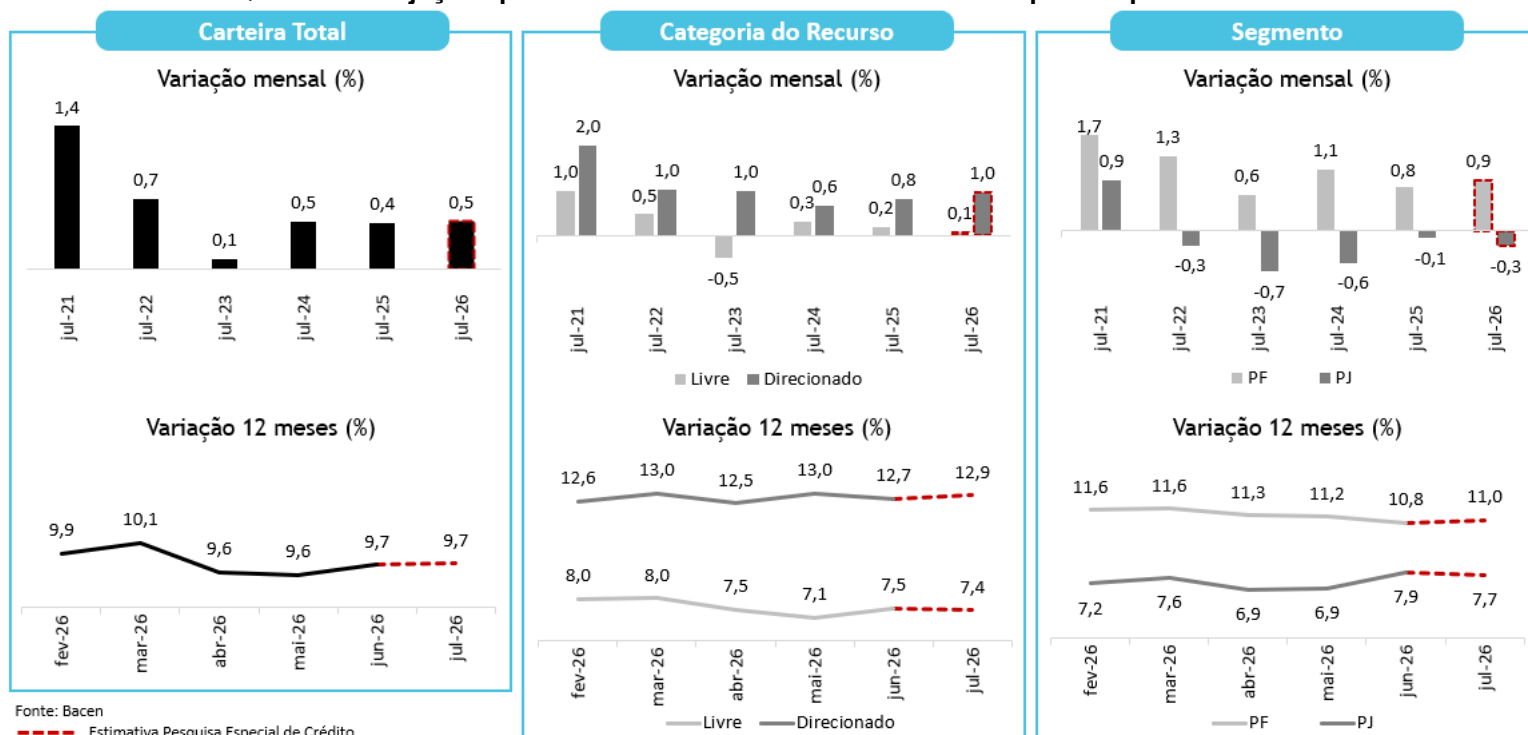
Dentre as linhas, destaque para o crédito pessoal (consignado privado) e o cartão de crédito à vista, influenciado pelo maior número de dias úteis de julho ante junho. No caso dos recursos direcionados (+0,8%), a alta deve ser sustentada pelo crédito imobiliário, diante das novas regras do programa Minha Casa,

Minha Vida (MCMV), parcialmente compensada pelo recuo do crédito rural, ainda com desembolsos contidos no início do Plano Safra 2026/27. Em 12 meses, as aberturas seguem em patamares próximos de expansão: PF Livre em 11,0% (ante +11,2%) e PF Direcionada em 10,9% (ante +10,4%).

Já a carteira destinada às empresas deve recuar 0,3% no mês e desacelerar em 12 meses para 7,7% (ante +7,9%). A queda no mês deve ser puxada pela carteira com recursos livres (-1,3%), com efeito sazonal negativo de início de trimestre nas linhas de recebíveis e capital de giro com pouco dinamismo.

Em 12 meses, a expansão da linha PJ Livre deve ficar estável (+2,2%). Por outro lado, os recursos direcionados devem avançar no mês (+1,2%), ainda impulsionados pelos programas governamentais, mantendo-se com a expansão anual mais forte entre as aberturas, ainda que desacelerando na margem (de 17,3% para 16,7%).

Quadro 7: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

As concessões de crédito devem recuar 1,7% em julho ou 10,3% no dado ajustado por dias úteis. Já na comparação com julho de 2025 (também por dias úteis), deve-se registrar um avanço de 13,0%.

Na comparação anual, as concessões são puxadas pela carteira destinada às empresas (+18,0%), especialmente pelas linhas com recursos livres, ainda com efeito base residual nas linhas de desconto de recebíveis (majoração do IOF em jun/25). Nas concessões às famílias (+9,1%), o desempenho deve ser semelhante entre as linhas com recursos livres e direcionados. Destaque para as concessões do imobiliário, no caso dos recursos direcionados, que devem seguir mostrando alta relevante.

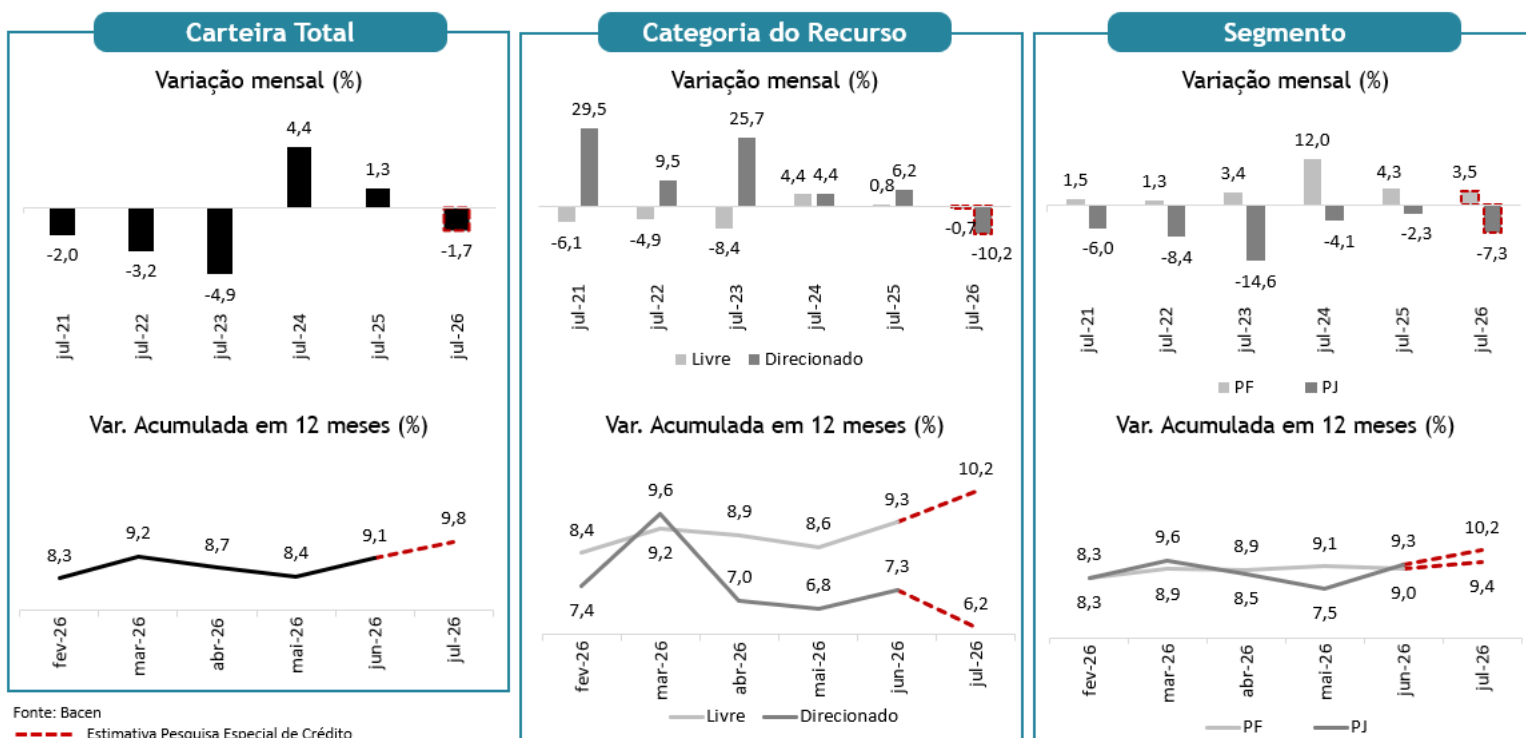
No acumulado de 12 meses, o ritmo de crescimento das concessões totais deve acelerar pelo segundo mês consecutivo, subindo de 9,1% para 9,8%. O movimento é puxado tanto pela

aceleração da carteira PJ (+10,2%; ante +9,3%) como no caso do crédito PF (+9,4%; ante +9,0%).

Portanto, a pesquisa continua indicando um ritmo de expansão elevado do crédito, mesmo diante de uma política monetária ainda restritiva. Contudo, esse crescimento segue sendo mais intenso nas linhas com recursos direcionados, refletindo o impulso dos programas governamentais, tanto para as empresas quanto para as famílias.

A divulgação das Estatísticas Monetárias e de Crédito pelo Banco Central, que está prevista para esta sexta (28). Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 8: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



PESQUISA ESPECIAL DE CRÉDITO – JULHO DE 2026

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

CRÉDITO / BANCOS

Crescimento esperado para o saldo de crédito em 2026 sobe para 8,9%

A projeção para a expansão da carteira de crédito total em 2026 subiu para 8,9% (ante 8,7% em jun/26). A revisão para cima reflete a alta projetada no avanço da carteira direcionada, em meio aos números fortes dos programas governamentais.

Deste modo, as expectativas seguem apontando para uma expansão robusta do crédito total no ano. Agora, o número é praticamente igual à projeção divulgada pelo BC em seu último Relatório de Política Monetária (RPM) no 2T26, de alta de 9,0% do saldo total em 2026.

A projeção para a carteira direcionada avançou de 10,4% na pesquisa de junho para 10,6% no levantamento atual, sustentada pela elevação da expectativa para a linha PJ Direcionada, de 11,9% para 12,9%, segmento que contempla os programas governamentais para MPMEs. Já a projeção para a expansão da linha PF Direcionada foi revisada ligeiramente para baixo, de 9,6% para 9,4%.

A carteira livre, por sua vez, registrou estabilidade da projeção de alta de 7,3% no ano, com expectativas praticamente inalteradas entre as aberturas. A projeção para o avanço do segmento PF Livre permaneceu em 10,1%, indicando expansão robusta da

linha, ainda em dois dígitos, diante de um mercado de trabalho aquecido. Já a expectativa de alta para o crédito PJ Livre recuou ligeiramente, de 4,0% para 3,9%. Tal carteira segue mostrando números mais contidos, em um contexto de juros altos, concorrência com o mercado de capitais e competição com os recursos direcionados.

Quanto à inadimplência da carteira livre, houve aumento da expectativa tanto para 2026 (de 5,4% para 5,8%) quanto para 2027 (de 5,3% para 5,6%), sinalizando uma percepção de alguma acomodação do indicador ante seu nível atual (6,2% em jun/26).

Para 2027, a expectativa de crescimento da carteira total foi revisada para baixo (de 7,7% para 7,5%), puxada pela redução na expectativa de alta da carteira direcionada (de 8,8% para 8,5%), enquanto a expansão esperada para a carteira livre permaneceu estável em 6,6%.

O Quadro 9 apresenta o resultado consolidado da pesquisa atual e o comparativo com o obtido na pesquisa anterior.

Quadro 9: Projeção Média para o Crescimento da Carteira de Crédito (Pesquisa Febraban de Economia Bancária)

Projeções para Saldo de Crédito e Inadimplência (média entre as instituições)	2026		2027	
	Pesquisa Jun/26	Pesquisa Ago/26	Pesquisa Jun/26	Pesquisa Ago/26
Carteira Total (var. % – total do SFN)	8,7	8,9	7,7	7,5
Recursos Livres (var. % – total do SFN)	7,3	7,3	6,6	6,6
Crédito Livre para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	4,0	3,9	5,0	5,1
Crédito Livre para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	10,1	10,1	8,0	7,8
Recursos Direcionados (var. % – total do SFN)	10,4	10,6	8,8	8,5
Crédito Direcionado para Pessoas Jurídicas (var. % – total do SFN)	11,9	12,9	9,5	9,4
Crédito Direcionado para Pessoas Físicas (var. % – total do SFN)	9,6	9,4	8,1	7,9
Taxa de Inadimplência - % da Carteira Livre (acima de 90 dias, fim de período)	5,4	5,8	5,3	5,6

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas

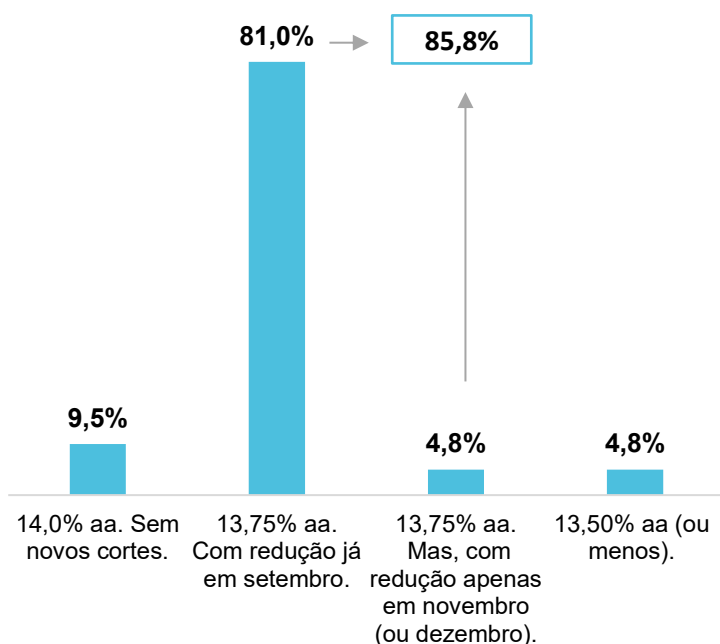
Em relação à percepção dos participantes sobre a economia brasileira e internacional, os principais pontos captados pela Pesquisa de Economia Bancária e Expectativas da Febraban foram:

- A grande maioria dos participantes (85,8%) espera que a taxa Selic encerre 2026 em 13,75% a.a., sendo que 81,0% dos respondentes enxergam espaço para que a redução de 0,25 pp ocorra já na reunião de setembro (Quadro 10).
- Assim, a mediana das projeções (Quadro 11) indica novo corte de 0,25 pp da Selic na reunião de setembro, para 13,75% aa, patamar que deve ser mantido em todo horizonte da pesquisa (mar/27).
- Quanto ao crescimento do PIB em 2026, 47,6% dos participantes projetam expansão abaixo do consenso (2,0%), ante 15,0% na pesquisa anterior. Portanto, também houve redução do percentual que aguarda crescimento em linha com o consenso (de 75,0% para 47,6%).
- Com relação à inflação, a maioria dos participantes (66,7%) projeta o IPCA em torno de 5,0% em 2026, em linha com as projeções atuais. Quanto aos demais, não parece haver um

viés claro, com 19,0% aguardando o IPCA acima do consenso e 14,3% abaixo deste valor.

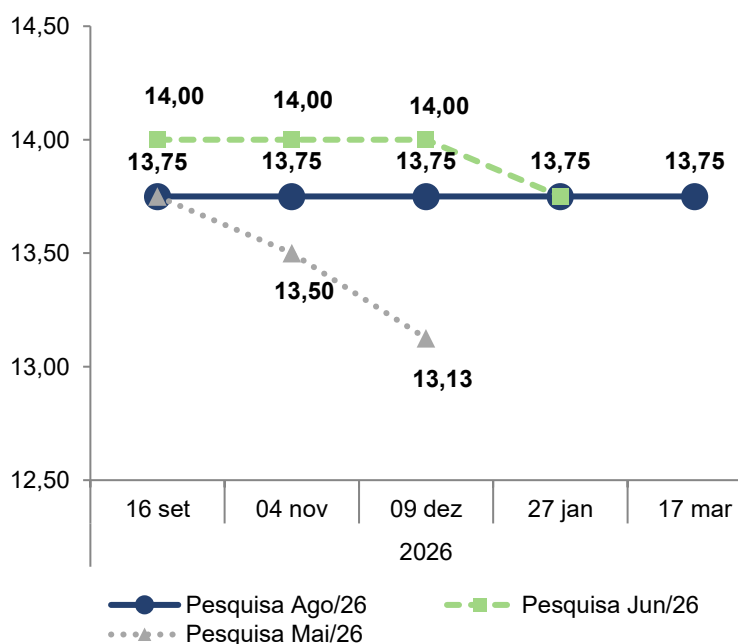
- Quanto à expansão da carteira de crédito, a maioria (76,2%) segue esperando uma desaceleração gradual no 2º semestre, diante dos programas governamentais e mercado de trabalho resiliente. Entretanto, uma parcela maior (19,0% ante 5,0%) passou a esperar uma desaceleração mais pronunciada. Já com relação à inadimplência, a percepção predominante (57,1%) é de estabilização do indicador das famílias no patamar atual de 5,6%, apesar dos juros elevados e do alto comprometimento de renda. No entanto, 38,1% já esperam continuidade da tendência de alta.
- No cenário internacional, a maioria dos participantes (65,0%) segue aguardando a manutenção dos *Fed Funds* no patamar atual (3,50% a 3,75% aa), refletindo a desaceleração da inflação e do mercado de trabalho.
- Para acessar o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 10: Expectativa para a Selic no fim de 2026



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Quadro 11: Projeção (mediana) para a Taxa Selic para as próximas reuniões do Copom



Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária

Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC/BCB)

CRÉDITO / BANCOS

O Banco Central divulgou a [Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito \(PTC\)](#), que coleta as avaliações das IFs sobre as condições do mercado de crédito bancário no SFN. A Pesquisa capta a avaliação das instituições sobre as mudanças observadas nos últimos três meses e as perspectivas para os próximos três, em relação às condições de oferta e demanda por crédito para os seguintes segmentos:

i) Grandes empresas; ii) Micro, pequenas e médias empresas (MPMEs); iii) Crédito pessoal para consumo; iv) Crédito habitacional (PF).

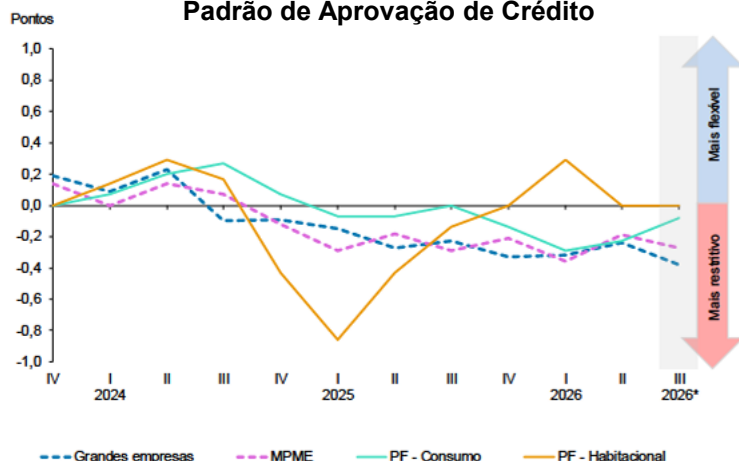
Segundo o BCB, os principais destaques captados na Pesquisa realizada em junho de 2026 foram:

- As condições de oferta continuaram mais restritivas no 2T26, com exceção do crédito habitacional. Para o 3T26, a pesquisa captou uma expectativa de continuidade deste cenário para pessoas jurídicas (grande empresas e MPMEs) e relativa estabilidade para os segmentos de pessoas físicas (consumo e habitacional).
- A demanda por crédito se mostrou resiliente no 2º trimestre, com fortalecimento em todos os segmentos. Quanto às expectativas (3T26), estima-se uma continuidade desse comportamento, exceto para as grandes empresas.
- Já a inadimplência, que é um dos fatores mais restritivos para a oferta de crédito, se comportou em linha com as estimativas do 2T26. Vale destacar que, para o segmento habitacional (PF) o indicador ficou abaixo do esperado. Para o 3T26, espera-se continuidade da deterioração da inadimplência ainda que em menor intensidade que a observada no 2T26.

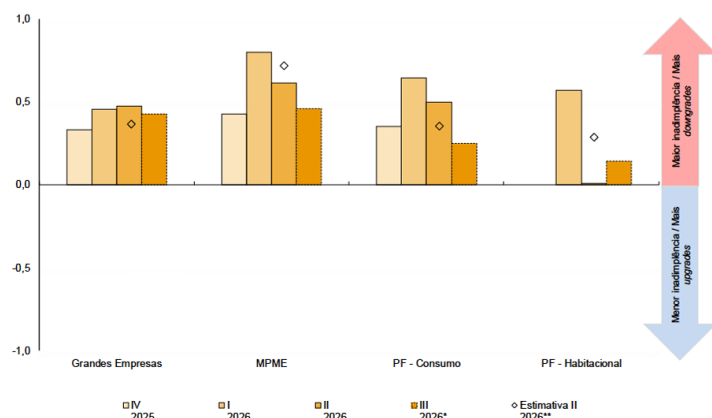
Percepções entre os segmentos:

- Crédito Consumo: os fatores condicionantes da oferta apresentaram deterioração relativamente disseminada no 2T26. Para o 3T26, espera-se aumento da restrição, refletindo principalmente o maior custo e menor disponibilidade de *funding*, além da redução da tolerância ao risco. Em contrapartida, as condições do mercado de trabalho tendem a atenuar parcialmente esse movimento.
- Crédito Habitacional: as condições de oferta permaneceram relativamente estáveis no 2T26, com maior preocupação com o comprometimento de renda das famílias, fator parcialmente compensado pela melhora das condições de *funding*. Para o 3T26, projeta-se elevação do grau de restrição, sobretudo em função da expectativa de aumento da inadimplência no segmento.
- Grandes empresas: as condições de oferta tornaram-se mais restritivas no 2T26. Para o trimestre seguinte, as IFs esperam manutenção desse ambiente, influenciado pela inadimplência e pelas condições gerais da atividade econômica.
- MPMEs: observou-se continuidade do grau de restrição da oferta no 2T26, ainda que em ritmo ligeiramente menor. Para o 3T26, a expectativa deve seguir inalterada, principalmente devido à inadimplência, embora a concorrência no mercado possa mitigar parcialmente esse efeito.

Quadro 12: Indicador de Oferta Padrão de Aprovação de Crédito



Quadro 13: Avaliação de Rating/Inadimplência



Fonte: PTC/Bacen. * Os valores do 3T26 correspondem às expectativas dos respondentes para o trimestre. Os demais correspondem às percepções sobre a situação em cada trimestre.



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2026				2027			
	21/08/2026	14/08/2026	24/07/26	Viés	21/08/2026	14/08/2026	24/07/26	Viés
IPCA (%)	5,02	5,02	5,12	↔	4,25	4,24	4,22	▲
PIB (% de crescimento)	1,95	1,98	1,99	▼	1,50	1,50	1,60	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	13,75	13,75	14,00	↔	12,00	12,00	12,00	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,20	5,20	5,20	↔	5,30	5,29	5,29	▲

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	21/08/26	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,14	-1,59%	1,32%	-6,12%	-6,14%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	123,87	-0,95%	-0,61%	-10,56%	-12,69%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	13,84	-0,22%	-0,87%	-7,14%	-7,21%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,81	-1,01%	-0,24%	0,04%	-4,66%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	14,44	-1,71%	0,02%	7,16%	5,26%
Índice Ibovespa (em pontos)	171.031,73	2,45%	-3,91%	6,15%	27,15%
IFNC (setor financeiro)	17.206,96	0,22%	-8,89%	-0,51%	17,25%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	3,75	0,00%	0,00%	0,00%	-16,67%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,24	1,60%	-1,29%	22,84%	11,71%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,73	0,89%	-0,02%	14,85%	9,39%
Dollar Index	98,84	-0,83%	-1,08%	0,61%	0,22%
Índice S&P 500 (em pontos)	7.674,37	-1,43%	2,47%	11,28%	20,47%
Índice de Ações - Maiores Bancos EUA	185,95	-4,10%	-0,58%	12,32%	29,65%
Índice de Ações - Bancos Regionais EUA	144,66	-4,14%	-1,87%	15,49%	21,29%
Índice Euro Stoxx 50	6.462,22	-1,18%	1,64%	11,49%	18,31%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	314,59	-2,33%	1,45%	19,26%	33,24%
Baril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	93,77	5,93%	4,05%	51,44%	38,57%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 João Vítor Siqueira
 Marcos Duarte
 Jéssica Silva Martins